

São Paulo, 07 de novembro de 2006.

Para: BAYER CROPSCIENCE LTDA.

A/C Presidência – Sr. Marc Reichardt

Rua Verbo Divino, 1207 - Bloco B
CEP 04719-002 – São Paulo, SP

Cc.: Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio)

A/C Presidência – Sr. Walter Colli
Setor Policial Sul (SPO), Área 5, Quadra 3
Bloco B, Térreo – Salas 10 à 14
CEP 70610-200 – Brasília, DF

Prezado Sr. Marc Reichardt,

A Associação Civil Greenpeace, organização não-governamental ambientalista, trabalha desde 1997 contra a liberação indiscriminada de organismos geneticamente modificados (OGMs) no meio ambiente. Estudos científicos independentes já comprovaram que as plantas e sementes transgênicas trazem sérios prejuízos ambientais, como a perda de biodiversidade, o aumento do uso de agrotóxicos e a poluição genética, que é o cruzamento de transgênicos com espécies convencionais ou seus parentes silvestres. Além disso, ainda não existe consenso dentro da comunidade científica sobre a segurança dos alimentos geneticamente modificados para a saúde humana.

Em 1998, a Bayer CropScience (na época AgrEvo) enviou para a CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança) um pedido de liberação comercial para o milho Liberty Link (T25 – resistente ao herbicida glufosinato de amônio). No entanto, a empresa nunca enviou para a Comissão estudos que comprovem que a contaminação de lavouras vizinhas não acontecerá. Alguns poucos pareceres enviados pela empresa supõem que a contaminação não acontecerá devido ao peso do pólen. No entanto, o fluxo gênico é uma triste realidade para os produtores orgânicos e convencionais de milho na Espanha, como mostra um estudo de caso conduzido pelo Greenpeace naquele país. Estamos enviando, junto com essa carta, uma cópia desse estudo, o qual também foi enviado para a CTNBio em meados de setembro de 2006.

Recentemente, o governo da Áustria publicou um estudo que analisa, entre outras coisas, a segurança do milho Liberty Link T25¹. O estudo aponta evidências científicas de que essa variedade transgênica representa sérios riscos para o meio ambiente e para a saúde humana. Dentre as questões mencionadas no estudo austríaco estão:

- O risco de desequilíbrio na população de ervas daninhas tolerantes aos agrotóxicos. O fracasso do controle químico devido a esse tipo de desequilíbrio gera a necessidade de aumentar a quantidade de agrotóxicos usado nas áreas agrícola ao longo dos anos;
- O uso extensivo de um produto químico como estratégia de controle de ervas daninhas pode causar a extinção de espécies de plantas já ameaçadas e a destruição de nichos ecológicos específicos, os biotópos;
- A falta de um plano de monitoramento para verificar o surgimento de pragas secundárias, efeito do uso intenso do agrotóxico glufosinato de amônio e os efeitos na biodiversidade;

¹ *Review of scientific evidence including latest findings concerning Austrian safeguard measures for GM-Maize lines MON810 and T25.* Disponível em:
http://www.bmgf.gv.at/cms/site/attachments/9/0/3/CH0255/CMS1161157975708/mon810&t25_bericht_uba&fz_101006.pdf

- A coexistência impossível entre cultivos transgênicos, convencionais e orgânicos. A Áustria tem 10% de sua área agrícola cultivada em sistema orgânico e agroecológico. Foi detectada a falta de uma legislação específica para proteger os agricultores da contaminação genética e harmonizar os diferentes aspectos regionais da agricultura.
- A avaliação de possíveis propriedades tóxicas e alergênicas nunca foi feita com a planta toda. As avaliações feitas não satisfazem as regras de segurança exigidas pelos cientistas do governo austríaco;
- As avaliações de propriedades alergênicas desse milho não foram devidamente realizadas, pois o método usado pode gerar resultados falso-negativo e falso-positivo;
- Os testes com a proteína transgênica não foram conduzidos com a proteína retirada da planta, e sim com a proteína retirada de bactérias. Esse mesmo tipo de avaliação foi feito com ervilhas na Austrália e falhou gravemente, provando que mesmo que a proteína da bactéria doadora do gene seja semelhante à proteína da planta receptora do gene, os efeitos imunogênicos em ratos foram diferentes;
- Não foram avaliados os efeitos da inalação do pólen da planta, problema que afeta diretamente animais silvestres e trabalhadores rurais, assim como comunidades próximas das áreas de cultivo do milho transgênico;
- Os estudos toxicológicos realizados não fornecem nenhuma indicação de efeitos de longo prazo;
- A afirmação de que a variedade transgênica é “substancialmente equivalente” ao cultivar convencional não foi devidamente comprovada, pois os trabalhos apresentados são incompletos e com graves limitações.

Assim, solicitamos que a Bayer CropScience encaminhe para a CTNBio todas as informações sobre os eventuais impactos do milho Liberty Link na saúde humana e animal, e no meio ambiente. Isso inclui também informações adequadas sobre o Teor Residual do glufosinato de amônio e seus metabólitos no grão de milho seco e no grão de milho verde. Também solicitamos que a empresa se posicione a respeito das evidências apresentadas no estudo austríaco.

Acreditamos que essas evidências reforçam o princípio da precaução e justificam que a Bayer CropScience retire seu pedido de liberação comercial do milho Liberty Link T25. Também acreditamos que a empresa deve realizar imediatamente testes sérios e independentes para avaliar a segurança dessa variedade transgênica para o meio ambiente e para a saúde humana e animal. Este milho geneticamente modificado não pode ser liberado no meio ambiente e consumido pelos brasileiros sem que exista uma certeza sobre a sua segurança.

Tendo em vista que a próxima reunião da CTNBio acontecerá nos dias 22 e 23 de novembro, solicitamos que a Bayer CropScience nos envie uma resposta até o dia 17 de novembro de 2006. Estamos certos de sua atenção e desde já nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento.

Cordialmente,

*Gabriela Vuolo
Campanha de Engenharia Genética
Greenpeace Brasil*

*Frank Guggenheim
Diretor-Executivo
Greenpeace Brasil*